O QUINTAL KALUNGA COMO LUGAR E ESPAÇO DE SABERES[1]

THE KALUNGA BACKYARD AS PLACE AND SPACE OF KNOWLEDGE

EL PATIO TRASERO KALUNGA, LUGAR Y ESPACIO DE CONOCIMIENTO

Bruno Magnum Pereira
Mestrando do Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia da UFG
E-mail: magnum.geografia@gmail.com

Maria Geralda de Almeida
Professora Dra. do Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia da UFG
End. Rua Ruy Brasil Cavalcante, nº 189, Apt. 902,
Setor Oeste, Goiânia-GO, CEP: 74140-140.
E-mail: mgdealmeida@gmail.com

Resumo
As comunidades Kalunga são constituídas por remanescentes de quilombolas associados aos descendentes de escravos presentes no nordeste de Goiás nos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás. Ocupando aproximadamente 253mil hectares, o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga está inserido na região de Cerrado mais preservado do estado. Neste contexto vivem os Kalunga. Assim, este artigo propõe analisar como se dá sua relação com o quintal de suas casas. Ao entender o quintal como *lugar*, buscou-se alcançar como este povo dá um significado a ele. Por meio de visitas de campo, entrevistas com as mulheres responsáveis pelo quintal e do referencial teórico abordado, propõe-se então uma análise do quintal como Lugar e Espaço de saberes.
Palavras-chave: Kalunga, Quintais, Lugar, Espaço de saberes.

Resumen
Las comunidades Kalunga están formados por remanentes de Quilombo asociados con los descendientes de los esclavos en el noreste de Goiás, en los municipios de Cavalcante, Monte Alegre y Teresina de Goiás. Ocupando cerca de 253mil hectáreas el Sitio Histórico y Patrimonio Cultural Kalunga se inserta en la región del Cerrado de los mejor conservados del estado. En este contexto viven los Kalunga. Por lo tanto, este artículo se propone examinar cómo se relaciona con el patio trasero de sus casas. Mediante el análisis de el patio trasero como un lugar, hemos tratado de entender cómo el Kalunga da un sentido a la misma. Por medio de visitas de campo, entrevistas con las mujeres responsables de la patio trasero y el marco teórico, se propone un análisis del patio trasero como un lugar y un espacio de conocimiento.
Palabras clave: Kalunga, Patios trasero, lugar, Espacio de conocimiento.

1 O presente estudo constitui um relatório preliminar de pesquisa vinculada ao projeto BIOTEK, iniciada no segundo semestre de 2010 com o plano de trabalho As mulheres, a Biodiversidade das Plantas e suas utilidades no Território da Cidadania- Chapada dos Veadeiros/GO.

Abstract
The Kalunga's communities are from Quilombo remnants associated with the descendants of slaves present in the northeast of Goiás in the municipals Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás. With about 253.000 acres occupied, the Historical and Cultural Heritage Site Kalunga is inset in the region of Cerrado most preserved of the State of Goiás. So this article proposes to examine how does the Kalunga's relate with the their backyard from their homes. With the analises of the backyard as a place, we need understand how the Kalunga gives meaning to it. Through field visits, interviews with women, responsible for the yard and approximations the theoretical framework, it's proposed, then an analysis of the backyard as a place and space of knowledge.
Keywords: Kalunga, Backyards, Place, Space of knowledge.

1 INTRODUÇÃO

As comunidades Kalunga são constituídas por remanescentes de quilombolas associados aos descendentes de escravos presentes no nordeste de Goiás nos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás. Estão inseridos no Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, criado em 1991 pela Lei Estadual Complementar 11.409. O turismo, pesquisas e fazendeiros assediam esse povo, interferindo em suas dinâmicas, questões que serão abordadas adiante.

Nesta pesquisa teve-se como objetivo geral analisar como se dá a relação do Kalunga com o quintal. E, os objetivos específicos foram perceber a importância do quintal e como o Kalunga dá um significado a esse lugar; saber o que é produzido e como o conhecimento sobre as plantas foi adquirido e como ele é repassado para as novas gerações; conhecer ainda, como é a forma de manejo das plantas e quais os elementos que formam o quintal e identificar como o Cerrado está inserido nesse contexto.

Após um ano de pesquisa avalia-se que destes objetivos conseguiu-se atingir grande parte deles, pode-se saber o que é produzido, conhecer as formas de manejo das plantas e os elementos que formam o quintal, e parcialmente compreendeu-se a importância e o significado do quintal para o Kalunga, haja vista que são temas que permitem inúmeros desdobramentos.

2 METODOLOGIA

Para um bom desenvolvimento da investigação foram realizadas, ao longo do período da bolsa, trabalhos de campo às comunidades Kalunga dos municípios de Cavalcante e Teresina de Goiás. As comunidades visitadas foram o Vão de Moleque em Cavalcante no mês de setembro de

2010 e as comunidades de Ema, Ribeirão e Diadema em Teresina de Goiás foram visitadas nos meses de abril e maio de 2011. As visitas tiveram em media três dias de permanência juntos ás comunidades. Avalia-se que para o objeto desta pesquisa esse tempo foi satisfatório, possibilitando conhecer quintais suficientes para alcançar os objetivos propostos.

No decorrer da pesquisa foram realizadas entrevistas para sondagens a respeito da forma de trabalho, as pessoas responsáveis pela manutenção do quintal, materiais e técnicas utilizadas. Durante o primeiro semestre as entrevistas foram não direcionadas. Já no segundo semestre foram formuladas questões para ampliar a quantidade de dados. A partir das entrevistas e questionários foi possível realizar uma investigação qualitativa para alcançar os objetivos propostos. Foram entrevistados moradores das comunidades sobre as relações deles com os quintais. As anotações proporcionaram informações descritivas, as falas para posteriores inclusões nos relatórios de campo. Fotografias e elaboração de croquis serviram como representação para evidenciar a dinâmica de cada quintal visitado.

Ao longo desse processo pôde-se perceber que o quintal está presente na cotidianidade do povo, que planta remédios, alimentos e enfeites ao redor de suas casas, para ter sempre por perto as coisas de suas necessidades diárias.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 O Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga

O *Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga* localiza-se nos municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás, Monte Alegre, todos no nordeste de Goiás. O Sítio dista cerca de 400 km de Brasília e 600 km de Goiânia, grandes metrópoles do Centro-oeste. Ocupa aproximadamente 253mil hectares, e segundo Almeida (2010a), dos 71% estão no município de Cavalcante, e em Teresina de Goiás e Monte Alegre, 15% e 13% respectivamente (Figura 1).

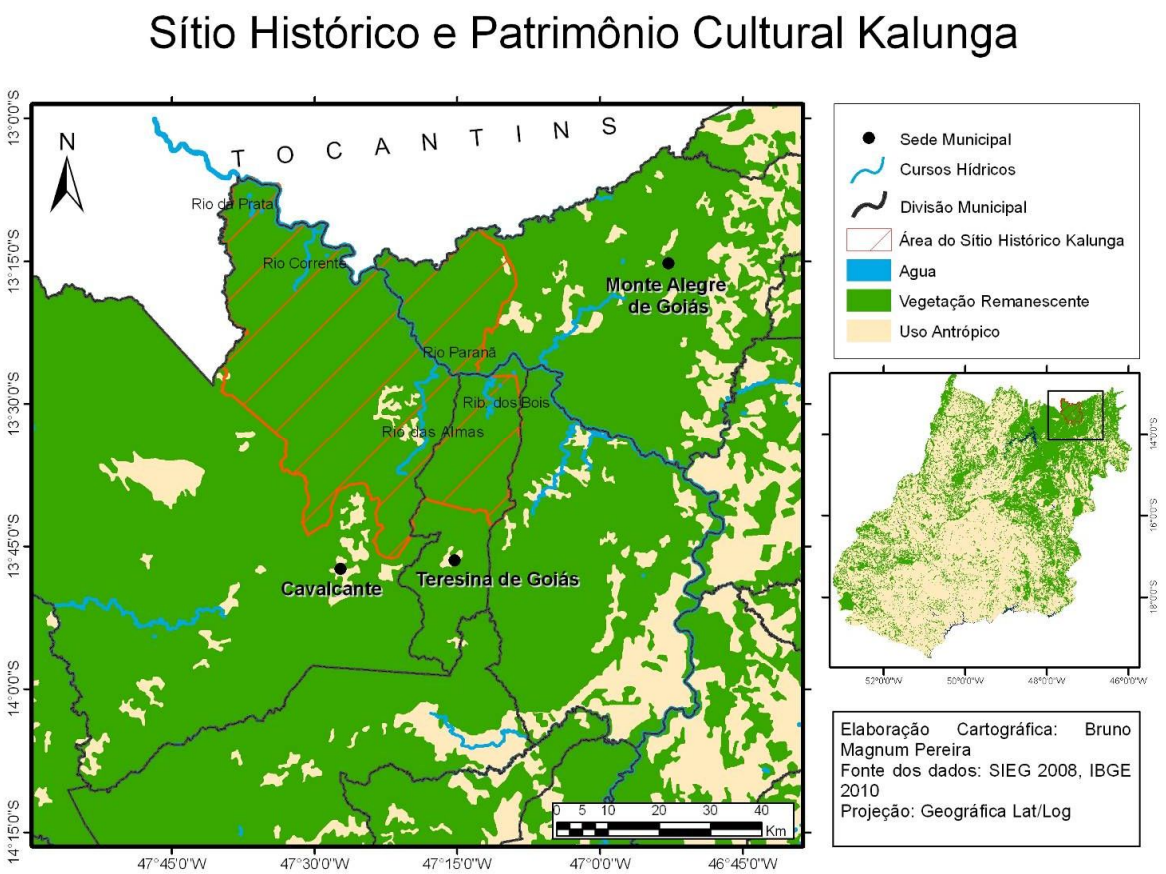

Figura 1. Localização do Sítio Kalunga, no nordeste Goiano.

O estado de Goiás está em quase sua totalidade inserido no Cerrado, que é indiscutivelmente, um dos biomas com maior biodiversidade do planeta. Borges (2009), ao analisar o Cerrado, afirma que ele apresenta um altíssimo nível de endemismo para plantas, sendo que 4.400 espécies, das 10.000 conhecidas, são endêmicas, representando 1,5% da flora de todo planeta. Ainda a mesma autora expõe que das 1.268 espécies dos animais, 117 são endêmicas. Entretanto, Machado et al (2004) afirmam que a situação do Cerrado é crítica, e que se a atual forma de ocupação se mantiver, ele poderá ser totalmente destruído até 2030. Com a presença de grandes fazendas e monoculturas exóticas como: soja, milho, cana-de-açúcar, o Cerrado torna-se grande produtor para exportação, mandando seus produtos para vários países por todo o mundo. Esta prática é extremamente perigosa para o bioma. Em um estudo sobre a dinâmica do Sítio como território patrimonializado Almeida (2003 p.74) afirma que,

> Para o ideário desenvolvimentista que caracterizou as principais políticas governamentais desde a década de cinquenta do século XX, as vastas terras do Cerrado significavam, e

> ainda significam, um espaço com viabilidade econômica, obscurecendo desta forma seu potencial como biodiversidade.

A região em que o Cerrado permanece mais preservado está no norte e nordeste de Goiás, área que se encontra o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga (Figura 2).

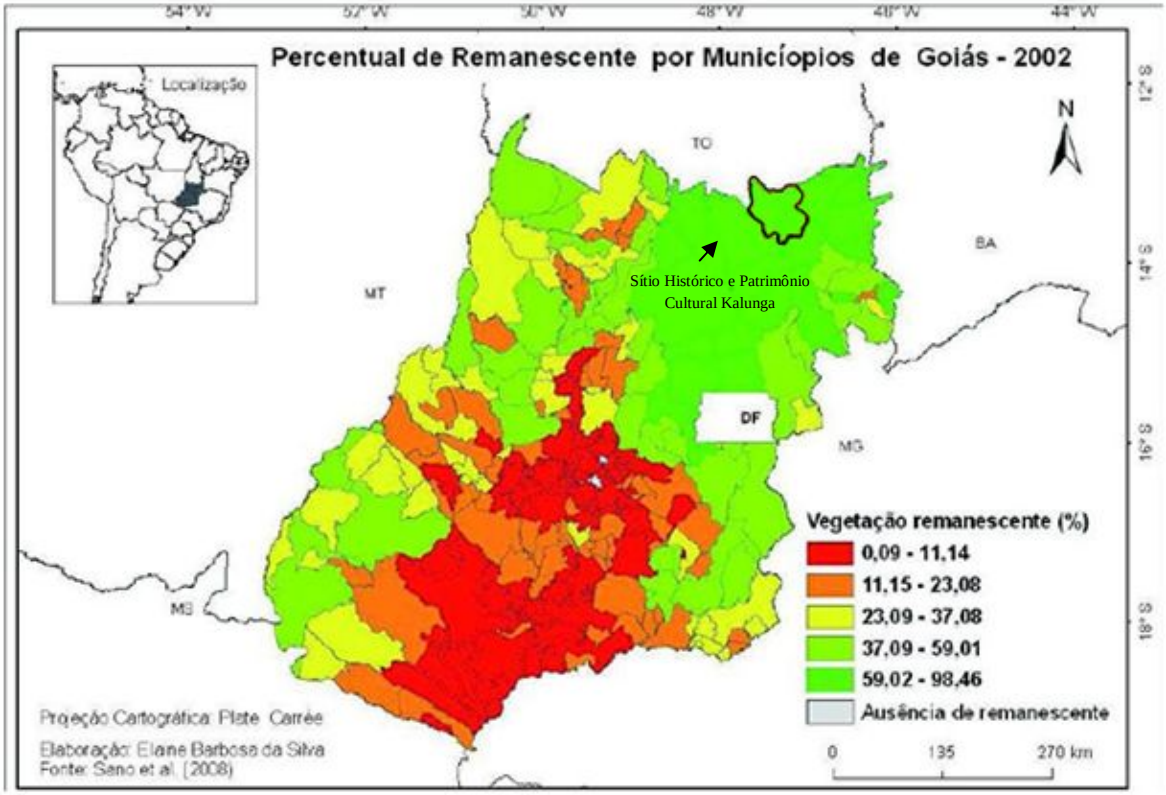

Figura 2 - Percentual de vegetação remanescente (2002) nos 246 municípios do estado de Goiás. Fonte: Adaptado de Silva e Ferreira Junior (2010).

A criação da reserva Kalunga já era prevista na Constituição Estadual de 1988, mas só em 1991 que se criou por meio da Lei Estadual Complementar 11.409 o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga (ALMEIDA, 2010b). Ainda segundo essa autora, a lei prevê a propriedade exclusiva, a posse e a integridade territorial, a demarcação, a desapropriação e a titulação a favor da comunidade. A Fundação Cultural Palmares (FCP) concedeu o título de reconhecimento nº004 por meio da Portaria Interna nº. 40 em 2000, mas somente em 2003 com o Decreto 4.887 que as discussões sobre regularização fundiária foram retomadas (ROSA, 2009).

Segundo estudo encomendado pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), em 2004 havia no Sítio Kalunga um número de 884 domicílios distribuídos em 62 comunidades, onde moravam aproximadamente 3700 pessoas. Os domicílios, em sua maioria são unifamiliar, ou seja, em 92,4% das casas moram apenas uma família. As casas

originalmente eram construídas de adobe e cobertas por palha, porém, por meio de uma política de moradia[2] algumas famílias tiveram suas casas reconstruídas com alvenaria e telhas convencionais. As casas não possuíam banheiros e a cozinha geralmente construída separada do restante da casa, fato que ocorria por medo de incêndios, já que o fogão é alimentado por lenha e o telhado feito de palha seca.

Ao discutir a questão das territorialidades do Kalunga, Almeida (2010a p. 42), afirma que questões como o "assédio de fazendeiros por suas terras, o turismo gradativamente presente, a iminência de construção de uma pequena central hidrelétrica (PCH) em suas proximidades" interferem na dinâmica, sendo assim, "a existência e resistência do território dos Kalunga implica em hipotetizar explicações que considerem sua relação com a terra e as identidades territoriais, e, em buscar interpretar as territorialidades em curso". Na região não há divisas definidas entre os povoados. Segundo Marinho (2008. p. 114), "é uma construção subjetiva comum à todos na comunidade".

A autora afirma ainda que, os Kalunga sabem identificar quem não é pertencente à comunidade (grileiros, posseiros, fazendeiros, garimpeiros, comerciantes etc.), não tendo como critério a cor, mas a

> [...] noção de que o indivíduo é parte do todo, coopera para uma finalidade comum com os demais membros (caráter corporativo, sentimento de comunidade e projeto comum); a territorialidade, o lócus da comunidade, a permanência, condição essencial para estabelecimento das relações sociais (MARINHO, 2008 p. 121).

Os Kalunga esforçam para sustentar-se, tendo que manter o território e lutar para garantir o direito a terra (MARINHO, 2008).

3.2 O lugar e espaço de saberes

A observação no trabalho de campo possibilita contato direto com a espacialidade a ser estudada e, com isso, aguçar as percepções sobre o espaço (SOUZA, 2009). Ainda segundo esse autor, "o campo refere-se a uma espacialidade concreta da sociedade. Se se toma o espaço como produto social, nele é possível se observar seus objetos, seus arranjos e, em muitas situações, sua dinâmica" (p.170).

[2] Projeto "Casa unifamiliar" elaborado pelo Programa interministerial do Governo Federal, cuja execução ficou a cargo da Fundação Universitária de Brasília (FUBRA/UNB).

Os quintais nas casas foram objeto de visitas e de estudos com a intenção de entender a relação que os moradores, principalmente as mulheres, têm com este lugar. Notou-se que no quintal o Kalunga pratica grande parte de sua cotidianidade. A cotidianidade, segundo Tuan (1983) decorre da experiência com o lugar, criando relações e intimidade. Apesar de não tirar dali todo o seu sustento, ou poder comercializar seus produtos, o Kalunga tem uma relação intima com ele. Nessa perspectiva elegeu-se o lugar como categoria de análise do quintal, entendendo-o como espaço dos saberes Kalunga. A partir das considerações de Tuan (1983) referente à relação do lugar com o espaço e o cotidiano, e de Carlos (2007) sobre o lugar inserido no global, identifica-se que é no quintal que as mulheres Kalunga reproduzem os saberes adquiridos por gerações. É ali que estão os objetos comuns do seu dia-a-dia, transformando aquele espaço de saberes em lugar, concordando com Carlos (2007. p.14), que “no lugar se vive, se realiza o cotidiano”.

O quintal para o Kalunga é o espaço dos saberes. É nele que a mulher, sobretudo, reproduz seus conhecimentos com as plantas, seja plantas medicinais ou alimentos. Conhecimentos adquiridos historicamente, passados por gerações, de mãe para filha, de avó para neta.

Ainda Carlos (2007, p.14) analisa que um dos planos do lugar é o do espaço. Citando Divignaud (1977) ela afirma que

> o espaço nos remete aos conjuntos vivos, nascidos da prática e compostos pelo dinamismo de cada nova geração, seja em sua dimensão da imensidade nômade ou daquela da cidade ou ainda das toponímias, o espaço se compõe de experiências alem de permitir a vida, lugar onde gerações sucessivas deixaram marcas, projetaram suas utopias, seu imaginário.

Os quintais Kalunga são lugares onde as experiências, as práticas dos saberes e a vida acontecem. As mulheres podem deixar suas marcas ao perpetuarem os saberes sobre as plantas, passando-os para novas gerações.

Ao entender o quintal como lugar, devemos levar em conta a afirmação de Tuan (1983), que o valor do lugar depende da intimidade da relação humana, e que “na ausência da pessoa certa, as coisas e os lugares rapidamente perdem significado” (p.155). Ou seja, as plantas têm sentido para a mulher Kalunga que sabe suas utilidades, sabe prepará-las e conhece seus efeitos. Para essa pessoa o quintal tem um significado, pois os objetos, no caso as plantas, são comuns de sua vivência.

O quintal, aqui entendido como lugar, não está de forma alguma desvinculado do global. Ainda com base em Carlos (2007), o mundial se concretiza no lugar, é ali que ele ganha expressão. Assim, pode-se afirmar que o quintal é diretamente influenciado pelas relações que ocorrem em uma escala geográfica maior, uma vez que as plantas dependem das águas dos rios e fatores climáticos de escala regional, nacional e impactados globalmente. No entanto, não somente o meio

físico que modifica a dinâmica dos quintais. Outra hipótese é que a facilidade em adquirir alimentos e medicamentos industrializados, de grupos multinacionais também instiga mudanças no quintal. Ainda, outra hipótese, é que políticas assistencialistas poderiam desestimular a produção de alimentos em quintais, pois a transferência de renda governamental possibilita que o Kalunga compre em mercados da região alimentos consumidos em seu dia-a-dia. É o caso de um morador da comunidade Ema no município de Cavalcante, que abandonou uma pequena plantação de milho em seu quintal, pois recebia uma cesta básica mensalmente. Por isso, a análise dos quintais leva em conta as observações de Carlos (2007) sobre o lugar no mundo e atenta para as escalas, para não correr o risco de isolar o quintal como uma singularidade, e, não considerá-lo sem o global. Afinal, os quintais Kalunga constituem o mesmo modelo de quintal de milhares de pequenos agricultores, de agricultores familiares que vivem de agricultura de subsistência no Brasil.

Os quintais Kalunga geralmente se encontram atrás das casas, onde as plantas podem ser observadas de forma quase sempre semelhantes. As plantas como milho, cana e mandioca são dispostas ao fundo e as plantas menores mais próximas da casa. Quando há hortas, estão no centro ou de um dos lados. Quanto a irrigação, é feita com água do rio, trazidas em latas ou bombeadas.

Em levantamento etnobotânico em comunidades remanescentes de quilombos no estado de São Paulo, Simão (2001) faz uma descrição detalhada dos quintais de 3 comunidade. A partir desse estudo, podemos identificar certas semelhanças com quintais Kalunga. Segundo a autora, os quilombolas entrevistados entendem o quintal como a área ao redor da casa, o que pode ser constatado nas comunidades Kalunga por meio de conversas com as donas das casas. Outra comparação importante é sobre o papel da mulher e sua relação com o quintal. As mulheres são as atrizes principais na manutenção e manejo das plantas sendo responsáveis pela manutenção do quintal em muitas culturas (Simão, 2001; Amaral e Guarin Neto, 2008). Assim como nas comunidades estudadas por Simão (2001), a maior parte das plantas presentes nos quintais Kalunga são de usos medicinais, esse assunto será discutido mais adiante.

3.2.1 Os Kalunga do Vão do Moleque – Cavalcante

A primeira visita à comunidade do Vão do Moleque ocorreu durante o período da festa de Nossa Senhora do Livramento e o Império de São Gonçalo. O objetivo foi observar os costumes dos Kalunga durante o período de festa, sobretudo, no que se refere aos comportamentos quanto a dormir, comer, rezar e festar. Entender ainda, como se dá a relação de compra e venda, de encontro e reencontros familiares. A visita à comunidade proporcionou um entendimento inicial sobre o

modo de vida Kalunga. Uma compreensão sobre as relações, a moradia, o trabalho, enfim, sobre sua territorialidade. Para Claval (1995), é pela cultura que as populações interagem com a natureza. Almeida (2008, p.317) afirma ainda que deste modo, constroem um modo de vida próprio, se "enraizando" no território, que é então, permeado pela cultura. Para esta autora, "muitos laços de identidade se manifestam na convivência com o lugar, com o território", sendo a territorialidade uma questão de sentimento de pertencimento com o território. Haesbaert (1999, p.172) afirma que "não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes. Assim, Almeida (2003, p.109) completa dizendo que "território ele o é para aquele que tem uma identidade territorial com ele..." Deste modo, entende-se que territorialidade tem como aspecto fundamental a referência ao território (HAESBERT, 1999).

O povoado da Capela, onde ocorre as festividades, possui 19 domicílios, aproximadamente 80 pessoas (SEPPIR, 2004). A distância entre os domicílios pode ultrapassa dois quilômetros. Um Kalunga conhecido como "Preto" e sua esposa Elsa cederam a casa para passarmos as noites na comunidade. Acolhedores, atenciosos e preocupados com o bem-estar dos visitantes, empenharam-se em mostrar as repartições da casa, o reservatório de água, o lugar para banho etc. Em sua casa há um quintal que Elsa começou logo que se casou, plantando primeiro milho e mandioca. Segundo ela, trabalha mais nas plantas do quintal quando está na época das chuvas.

O Sr. Francisco, 60 anos de idade, tem um quintal (Figura 3) de oito anos em sua casa, que estruturou quando se mudou. Ali, Seu Francisco plantou frutas como abacaxi, banana três-quinas (antes havia bananas maçã), maracujá, maga, laranja, mamão, abacate, jaca. Também há capim de cheiro, pimentas, algodão para remédios. Um pilão é usado para socar arroz no quintal. Tudo é irrigado com água do rio próximo, um rio popularmente conhecido como Rio Esporco (ou Rio dos porcos). Entretanto, Seu Francisco em 2008 diz que por não chover em setembro e ser muito "calorido, o rio cortou", ou seja, segundo ele o calor ocasionado pela falta de chuva fez com que o rio secasse. Assim, podemos ver a relação desse povo com a natureza, a dependência de fatores climáticos é o exemplo.

Figura 3. As plantas e a presença de animais no quintal da casa do Senhor Francisco. Autoria: Bruno Magnum Pereira, 2010.

Em outro quintal visitado, na casa do Sr. Joaquim "Mochila", havia uma horta de aproximadamente 13m x 13m. Na comunidade isso não é um elemento comum nos quitais e quem cuida da manutenção da horta são os filhos e a esposa. Foi construída uma caixa d'água próximo para irrigar as hortaliças. Sr. "Mochila", em época de festejo vende os produtos da horta, mas normalmente estes não são comercializados. O quintal também tem pimentas, cana, mandioca, algumas bananeiras, plantas para chá, como algodão, boldo e outras ervas, que segundo o Sr. "Mochila", todo ano são plantados.

Como podemos ver no croqui (Figura 4), galinhas e porcos fazem parte dos quintais. Os porcos do "Seu Mochila" são fechados em um chiqueiro, assim não circulam entre as plantas. Já as galinhas são soltas, e isso foi notado em todos os quintais visitados. As galinhas ciscam entre as plantas, menos na horta, pois comem as mudas das hortaliças.

O quintal é o lugar onde os Kalunga do Vão do Moleque produz a vida cotidiana, podendo assim, produzir seu espaço de saberes.

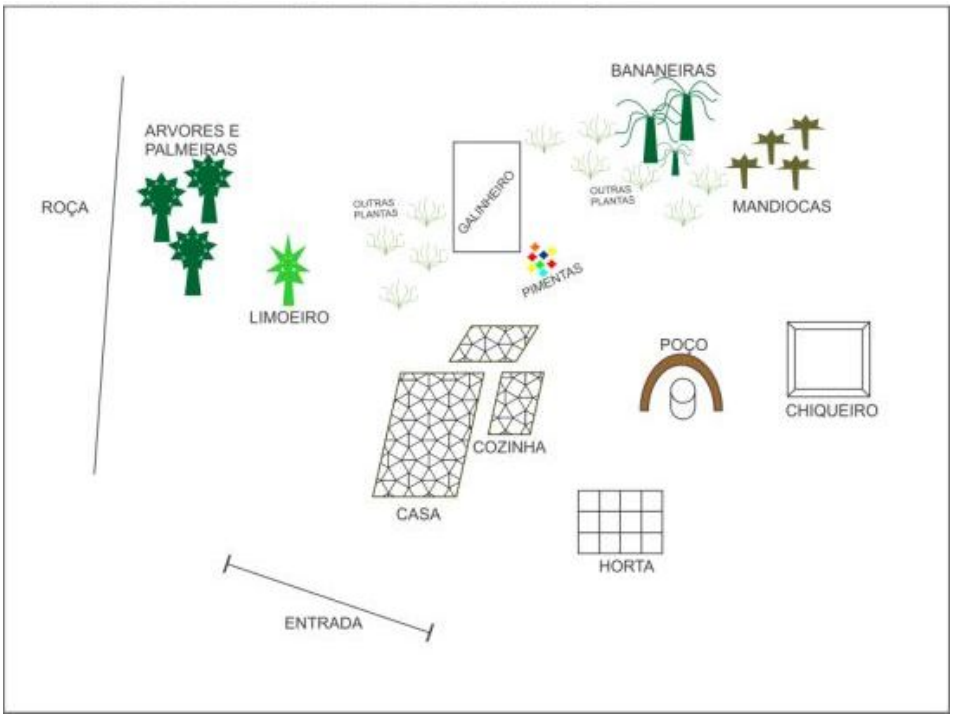

Figura 4. Croqui do quintal da casa do Senhor Joaquim “Mochila”.
Autoria: Bruno Magnum Pereira, 2010.

3.2.2 Os Kalunga de Teresina de Goiás

No município de Teresina de Goiás, segundo Aguiar (2011), são registradas 6 comunidades Kalunga, são elas: Ema, Limoeiro, Soledade, Ribeirão, Diadema e Funil. Foram visitadas, durante o primeiro semestre de 2011, as comunidades de Diadema, Ribeirão e Ema. Estas três comunidades detêm 109 dos 884 domicílios Kalunga de todo o Sítio (SEPPIR, 2004), o que equivale a aproximadamente 15% da população total do município de Teresina de Goiás, que em 2010 era de 3.016 habitantes (IGBE, 2010).

Dona Sinésia mora na comunidade de Ribeirão e é uma senhora de 70 anos que trabalhava como parteira, ela afirma ter participado do parto de “cento e poucos meninos, todos vivos”. Devido à idade e um problema de coluna não tem mais forças para trabalhar no roçado e nem para capinar. No seu quintal ela plantava milho, feijão, mandioca, batata, entre outras coisas. Mas, agora ela reclama que o gado do vizinho invade e come todas as plantas, e não tem mais condições de replantar. Porem, pode-se perceber uma grande quantidade de plantas medicinais (Figura 5). Segundo essa Senhora aprendeu a prepara chás e remédios com sua avó e sua mãe. O quintal é o lugar onde ela tem próximo vários remédios para diversas doenças, ali pode reproduzir os conhecimentos adquiridos por seu povo e ensinar para seus netos ainda crianças.

Figura 5. Senhora Sinésia mostrando as plantas medicinais do seu quintal
Fonte: Trabalho de Campo, Bruno Magnum Pereira. maio, 2011.

Dona Sinésia conserva suas plantas medicinais para seu uso, para seus filhos que moram próximos e para tratar de pessoas que a procuram. Com tais plantas, mas sobre tudo, com os saberes, esta senhora pode se relacionar com os outros vizinhos, indicando e preparando chás e remédios. É assim que podemos considerar que o lugar se articula com o global, conforme afirma Carlos (2007). Concorda-se ainda quando a mesma autora afirma que a produção do lugar está relacionada com a produção da vida. Assim, o que é similar ao afirmado por Almeida (2006, p.115) para quem "essa produção está estreitamente vinculada às relações sociais (...) e culturais", e implica em um modo de vida.

O Cerrado também está presente nos quintais Kalunga e suas plantas são utilizadas para vários fins. Frutas como mangaba, caju, pequi, mutamba, cagaita são encontradas nos quintais e utilizadas na alimentação e a unha-de-gato é um exemplo de planta medicinal para tratamento de inflamações. Pereira e Almeida (2011) discutem essa relação do quintal e do cerrado com a territorialidade Kalunga. No quintal de Cristina, uma jovem de 25 anos que mora com seu marido e dois filhos, foram identificadas várias plantas do Cerrado em seu quintal. Apesar de achar muito importante ter um quintal, ela afirma que tem que comprar muitas coisas fora, pois o quintal não dá

para manter. São comprados no supermercado em Teresina de Goiás mantimentos como algumas frutas, legumes como chuchu, repolho, tomate.

A criação de um quintal é feita logo que se muda para a casa. É trabalho tanto do homem quanto da mulher plantar no quintal, no entanto, muitas vezes são as mulheres que mantém o quintal, pois o marido trabalha no roçado ou na lida do gado. Os filhos também ajudam a cuidar das plantas, mas segundo as mães agora os filhos têm que estudar e nem sempre podem ajudar.

Em uma casa visitada os moradores mantêm um quintal de aproximadamente 10 anos, plantado pelo homem e pela mulher da casa (Figura 6). As mudas foram ganhadas da avó ou trocadas com vizinhos e a irrigação agora é feita com água bombeada do rio. A mulher desta casa, a Senhora Cássia, afirma que aprendeu com a avó a preparar os remédios, por exemplo, o hortelanzão, ou o capim santo que servem para dor de barriga. Um fato interessante desta casa é a origem de uma planta chamada fedegoso, segundo o marido, a planta nasceu na areia para construção retirado do rio, e serve para dores de cabeça.

Figura 6. Quintal com banana e mandioca e plantas ornamentais em segundo plano.
Fonte: Trabalho de Campo, Bruno Magnum Pereira. maio, 2011.

No quintal da Senhora Domingas foi identificada a maior variedade, 40 tipos de plantas entre medicinais e alimentícias. Essa senhora de 60 anos é responsável pela manutenção do quintal, como em outras muitas senhoras ela reclama de dores na coluna e nas pernas, o que as impedem de

trabalhar como antes. A falta de água encanada nesta casa obriga os moradores a buscar no rio o que não os possibilita irrigar todas as plantas, molhando apenas as que não resistem à seca. A Senhora que mantém o quintal afirma que aprendeu tudo com seus criadores, ou seja, os avós e tios que a criaram depois da morte de sua mãe. Suas netas ainda crianças têm interesse por aprender a plantar e prepara as plantas, fato que a agrada muito, pois assim pode passar seu conhecimento.

As plantas medicinais é um elemento forte no quintal (Tabela 01, Gráfico 01), estando presente em praticamente todas as casas visitadas. Quando indagados se preferem utilizar remédios caseiros, preparados com plantas dos quintais, ou adquiridos na farmácia, todos responderam que dão preferência aos do quintal, se não obtiverem os resultados esperados, então procuram um médico ou farmacêutico. Algumas doenças como problemas de coluna são tratados com medicamentos receitados.

Tabela 01 – Plantas identificadas nos quintais Kalunga.

Medicinais		**Alimentícios**		**Utensílios/outros**
Mastrus	Algodão	Mandioca	Banana	Cabaça
Fedegoso	Cidreira	Manga	Abobora	Jacaré*
Vassourinha	Velame	Cana	Batata	São Gonçalo*
Ventre livre	Babosa	Pimenta	Mutamba	Pinhão Roxo
Capim Reis	Dipirona	Cagaita *	Tomate	Burere
Capim de cheiro	Vick	Abacaxi	Mostarda	Timbó
Alfavaca de horta	Folha de Cravo	Feijão Andu	Lima	Tinguí
Alfavaca de gado	Mangericão	Caju*	Laranja	Pau-Terra*
Carrapicho	Folha Santa	Pequi*	Quiabo	Alcool Branco*
Gota do Zeca	Pimenta Jabarandi	Mangaba*	Feijão de Corda	Polista
Hertelã Grosso	Arnica	Vinagrera	Jambo	
Cabaça	Vassourinha	Cuentro	Jamerão	
Capim Santo	Xioio	Tamarindo	Adestragem	
Chapada*	Jervão	Maracujá		
Geivão*	Boldinho	Siriguela		
Caiba*	Canafiche	Goiaba		
Sucupira*	Unha-de-gato*	Romã		
Sambaiba*	Poejo	Acerola		
Mamona	Astimije	Jiló		

* Planta típica do Cerrado

Fonte: Trabalho de Campo, Bruno Magnum Pereira. maio, 2011.

Como já discutido, o quintal tem como elemento importante, a biodiversidade do Cerrado. São encontradas árvores frutíferas como o cajuzinho, a mangaba e com muita

frequência o pequi. A sucupira, a unha-de-gato, a chapada são plantas utilizadas como remédios caseiros, cultivados e preparados pelas mulheres nos quintais. Árvores de maior porte são usadas para confecção de estacas de cerca, é o caso da árvore conhecida como São Gonçalo e a Jacaré.

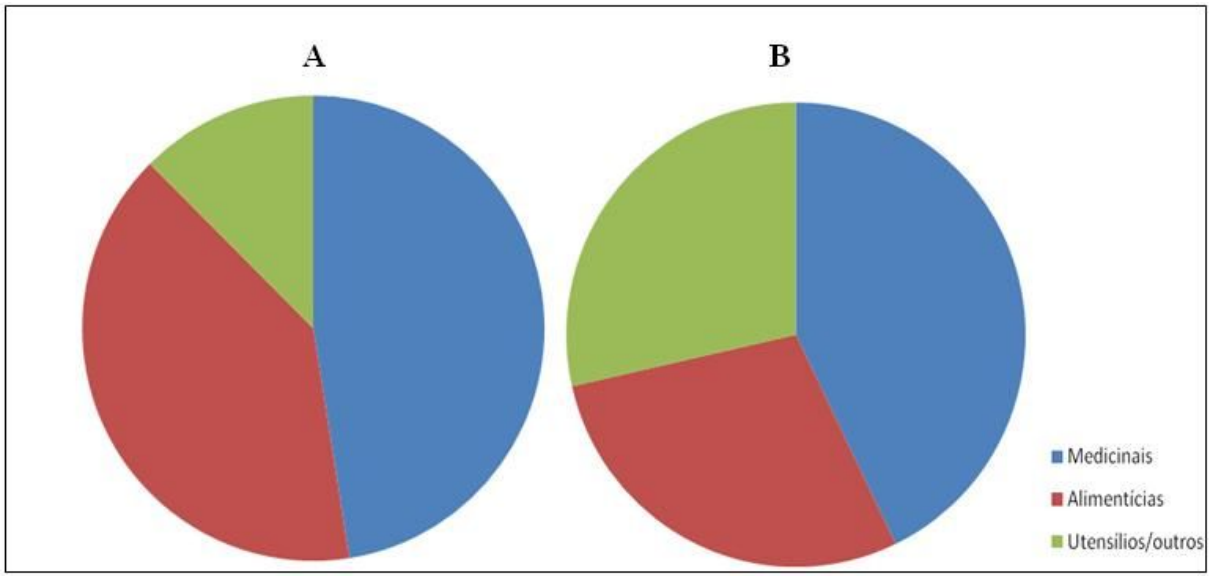

Gráfico 01 – **A**: Utilidade das plantas em geral encontradas nos quintais. **B:** Utilidade das plantas do Cerrado encontradas nos quintais. Fonte: Trabalho de Campo, Bruno Magnum Pereira. maio, 2011.

Espaço de saberes e lugar para o Kalunga, o quintal é palco para a reprodução de conhecimentos, ali estão os coisas comuns do cotidiano, parte da identidade do indivíduo que ali vive. Carlos (2007. p.17) afirma que "o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores..."

4 CONCLUSÕES

Os Kalunga, remanescentes de quilombolas têm sua identidade ligada ao Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, ou seja, existe ali uma territorialidade. Suas atividades cotidianas estão intimamente relacionadas com aspectos naturais. A água do rio para beber, para o banho, para as plantas é exemplo disso. O quintal tornou-se foco da pesquisa por despertar um interesse quanto aos espaços e ao modo de vida Kalunga. Um lugar que abriga saberes e que é palco para a reprodução da cotidianidade.

Entendeu-se que o quintal está presente na identidade do povo, que tem no território a única maneira de se manter na terra, trabalhando e vivendo suas tradições.

A partir de então, o quintal passou a ser visto como parte do cotidiano, parte da vida diária do Kalunga, principalmente das mulheres. Plantar na época das chuvas, colher no momento certo, carregar água do rio para irrigar as plantas que não resistem à seca, preparar remédios e chás com plantas cultivadas no quintal, tudo isso é papel de quem tem esse lugar como elemento do dia-a-dia, como parte de sua identidade.

Ao encarar o quintal por meio da categoria lugar, ampliam-se as perspectivas da investigação a respeito dos quintais, proporcionando desdobramentos para o tema. Os saberes das mulheres sobre as plantas medicinais, as formas de resistência do quintal perante o comercio de produtos industrializados, as tradições e conhecimentos passados para gerações são temas que podem ser aprofundados em pesquisas. Contudo, deve ser levando em conta os saberes e tradições, respeitando as vontades e os interesses dos Kalunga enquanto cidadãos que necessitam da atenção das autoridades para valorização de sua cultura.

5 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vinicius Gomes de. Representação Espacial do Sítio Histórico Kalunga em Goiás. In: **I Encontro de Pesquisadores de Quilombolas Kalunga**, Goiânia – Goiás, 2011.

ALMEIDA, Maria Geralda. Cultura ecológica e biodiversidade. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, ano 2, n. 3, jun./jul. 2003. p.71-82. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewArticle/166> Acesso em: 20 set. 2010.

_____. Diversidade Paisagística e Identidades Territoriais e Culturais – Brasil Sertanejo. In: ALMEIDA, M. G; CHAVEIRO, E. F; BRAGA, H. C. **Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares.** Goiânia: Editora Vieira. 2008.

_____. Territorios De Quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás - patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado. In: **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 4, n. 10, p. 36-63, abril de 2010a. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/issue/view/792> Acesso em: 20 ago. 2010.

_____. Dilemas territoriais e identitários em sítios patrimonializados: os Kalunga de Goiás. *In*: PELÁ, Marcia; CASTILHO, Denis. (orgs.). **Cerrados**: perspectivas e olhares. Goiânia: Ed. Vieira, 2010b.

_____. A produção do ser e do lugar turístico. In:SILVA, José B.; LIMA. Luiz C.; ELIAS, Denise. **Panorama da Geografia brasileira.** São Paulo: Annablume, 2006.

AMARAL, Cleomara Nunes do; GUARIM NETO, Germano. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas**, Belém, v. 3, n. 3, dic. 2008. Disponível em: <http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222008000300004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 20 ago. 2010.

BORGES, Viviane Custódio. O Cerrado Braleiro Além da Pecuária, Soja e da Cana-de-Acúcar, a Sua Sociobiodiversidade em Questão. In: **12 Encuentro de Geógrafos de América Latina**, Montevideo – Uruguay, 2009.

CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo-SP: Labur Edições/GESP, 2007.

CLAVAL, P. **La géographie culturelle**. Paris: Nathan, 1995.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estistica. **Estudos Sociodemográficos e Análises Espaciais Referentes aos Municípios com a Existência de Comunidades Remanescentes de Quilombos** - Relatório Técnico Preliminar. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: < http://www.seppir.gov.br/publicacoes/mapa_relatorio> Acesso em: 09 abr. 2011.

_____. **Censo demográfico**: 2010. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/> Acesso em: 09 abr. 2011.

MACHADO, R.B., M.B. RAMOS NETO, P.G.P. PEREIRA, E.F. CALDAS, D.A. GONÇALVES, N.S. SANTOS, K. TABOR e M. STEININGER. 2004. **Estimativas de perda da área do Cerrado brasileiro**. Relatório técnico não publicado. Conservação Internacional, Brasília, DF. Disponível em: <http://www.conservation.org.br/arquivos/RelatDesmatamCerrado.pdf> Acesso em: 20 ago. 2010.

MARINHO, Thais Alves. **Identidade e territorialidade entre os Kalunga do Vão do Moleque**. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFG. 2008. 208 p.

SOUZA, Vanilton Camilo de. **O processo de construção do conhecimento geográfico na formação inicial de professores.** 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia – IESA/UFG. 2009.

PEREIRA, Bruno Magnum; ALMEIDA, Maria Geralda de. A biodiversidade nos quintais: uma relação com a territorialidade Kalunga. In: **6º Encontro Regional Povos Do Cerrado**, Pirapora – MG, 2011.

ROSA, Edna F. Comunidade Quilombola Kalunga: entre o direito étnico, as políticas públicas e a legislação ambiental. *In:* THEODORO, Suzi; DUARTE, Luara; VIANA, João (orgs.). **Agroecologia**: um novo caminho para extensão rural sustentável. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SEPPIR, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Perfil das Comunidades Quilombolas**: Alcantara, Ivaparunduva e Kalunga, 2004.

SIMÃO, Cristiana Guimarães. **Levantamento Etnobotânico em Quintais de Comunidades Remanescentes de Quilombos.** São Paulo-SP: ITESP, 2001.

ILVA, E. Barbosa; FERREIRA JUNIOR, Laerte. G. Taxas de desmatamentos e produção agropecuária em Goiás - 2003 a 2007. **Mercator** (UFC), v. 9, p. 105-120, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da esperiênica. São Paulo: DIFEL, 1983.